

## FICHA TÉCNICA

[www.manuscrito.pt](http://www.manuscrito.pt)  
[facebook.com/manuscritoeditora](https://facebook.com/manuscritoeditora)

© 2015

Direitos reservados para Letras & Diálogos,  
uma empresa Editorial Presença,  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Título: *O Caminho*

Autor: *Gustavo Santos*

Copyright © *Gustavo Santos*, 2015

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Imagem de capa: *Shutterstock*

Fotografia do autor: *Érika Monteiro*

Composição: *A. Sena*

Impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

ISBN: 978-989-8818-01-0  
Depósito legal n.º 391 417/15

1.ª edição, Lisboa, maio, 2015

# ÍNDICE

|                                                                                                  |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO > O meu caminho                                                                       | 11  |
| 1. <sup>a</sup> LIÇÃO > Aceitar: a primeira palavra do caminho                                   | 17  |
| 2. <sup>a</sup> LIÇÃO > A força interior: uma herança inestimável                                | 27  |
| 3. <sup>a</sup> LIÇÃO > A mudança: o choque da primeira visita                                   | 35  |
| 4. <sup>a</sup> LIÇÃO > A intuição: expressão do verdadeiro «eu»                                 | 59  |
| 5. <sup>a</sup> LIÇÃO > O desapego: deixar a dor onde ela está                                   | 67  |
| 6. <sup>a</sup> LIÇÃO > A inspiração: a avó e o neto, a musa e o contador de histórias           | 89  |
| 7. <sup>a</sup> LIÇÃO > Aprender a ler os sinais que a vida nos dá: revelação                    | 101 |
| 8. <sup>a</sup> LIÇÃO > O amor: a verdade e o «faz de conta»                                     | 115 |
| 9. <sup>a</sup> LIÇÃO > O perdão: em busca da família perdida                                    | 125 |
| 10. <sup>a</sup> LIÇÃO > Respeito: respeitar os outros                                           | 143 |
| 11. <sup>a</sup> LIÇÃO > O agora: a importância de ser incondicional                             | 153 |
| 12. <sup>a</sup> LIÇÃO > Assumir as escolhas que fazemos: a nossa família                        | 177 |
| 13. <sup>a</sup> LIÇÃO > A responsabilidade: somos todos um                                      | 187 |
| 14. <sup>a</sup> LIÇÃO > A eternidade: a vida para além da morte                                 | 211 |
| 15. <sup>a</sup> LIÇÃO > A celebração da vida: por morrer uma andorinha não<br>acaba a primavera | 221 |
| 16. <sup>a</sup> LIÇÃO > O equilíbrio: a descoberta do divino em nós                             | 241 |
| AGRADECIMENTOS                                                                                   | 251 |

*«... Sei que sentes que ficou algo por te dizer, meu querido, e ficou. Não te agradei o suficiente por tudo que fizeste por mim, o teu carinho, o teu afeto, os teus cuidados, os teus bons sentimentos. Quero que saibas que te sou grata por tudo. Estou muito bem onde estou, estarei a teu lado sempre que necessitares de mim, dando-te aquela força especial. Estou muito orgulhosa do teu trabalho e de ver como tu tocas o coração das pessoas que te ouvem. Vejo vidas a mudar por causa das tuas palavras de força. Continua a ser sempre essa pessoa maravilhosa que és, um beijo muito grande no teu coração...»*



## INTRODUÇÃO

# O meu caminho

Sentado ao lado da cama da minha avó, que aos 94 anos estava prestes a morrer, encontrei a oportunidade de reforçar alguns dos passos que fui dando ao longo do caminho que escolhi fazer até me tornar o homem feliz que sou hoje.

No silêncio do quarto, nas horas de espera, relembrei episódios da vida dela e de lições fundamentais que me ensinou através da sua sabedoria e genuíno exemplo. Como se fosse um diário, fui apontando cada mensagem que interpretava e retendo, numa enorme gratidão, todo o privilégio que era estar ali, a testemunhar o desprendimento do corpo, a total absolvição da mente e a verdadeira expansão da sua alma. Este é, provavelmente, o registo mais digno e bonito que fiz em toda a minha vida. E sei, sei tão bem, que sou o homem que sou hoje porque me permiti, até ao último instante, ser guiado pela mestria desta mulher.

O corpo da minha avó, repito, o corpo da minha avó não está a morrer de idade, ainda há um mês estava ao rubro, independente e capaz, está sim a apagar-se porque decidiu que já não quer cá estar, já não descobre motivos para abrir os olhos e ver o mundo como agora ele é, porém, mantém-se vivo e a explicação só pode ser uma: a sua alma, ao contrário da carne, ainda encontra razões que justificam a sua presença, como tal, insiste em mantê-lo agarrado à espécie de vida que tem. É verdade, a

minha avó partirá por escolha própria, quando a sua alma decidir que o caso está encerrado e a missão cumprida. Ela é a alma, não o corpo que a veste. É a eternidade, assim como cada um de nós, portanto quando escolher ir-se embora vai. É um direito que lhe assiste e a mim cabe-me aceitá-lo. Quem sou eu, por muito que a ame, para desapropriá-la de uma escolha sobre si mesma? Quem sou eu, por muito que lhe tenha a agradecer, para interferir na sagrada decisão da sua essência?

Ninguém significa coisa alguma quando o outro toma uma decisão desta importância sobre si mesmo. Capacitem-se disso.

O corpo da minha avó tem autonomia para respirar muitas mais semanas, mais uns valentes meses ou mesmo, e como o médico disse – há pessoas que ficam assim muito tempo –, mais uns pares de anos, mas não, é visível que não quer e que não lhe apetece, deixou de fazer parte das suas ideias, de acrescentar o que quer que seja. É legítimo. Quem quereria permanecer quase vinte e quatro horas por dia numa cama exígua de onde sabia nunca mais poder sair? Quem quereria olhar sempre para as mesmas paredes, ouvir sempre a mesma, e estridente, campainha das três às cinco da tarde, hora das visitas, e depois perceber que raramente eram pessoas para ela? Quem quereria esta vida sem vida? Quem quereria estar cá nestas condições desumanas quando lá se é absolutamente livre? Sim, «lá», e para que percebas o que te quero dizer o mais cedo possível, «lá» é do outro lado, daquele lugar de onde vimos todos, onde acertamos desafios a superar com uns e lições a aprender com outros, daquele sítio onde o ego, o apego e o medo não reinam, onde a tua essência vibra e a tua luz resplandece. Onde verdadeiramente és. Lembras-te? Nem eu, a densidade da matéria que nos reveste não nos permite certas lembranças, mas sei que esse lugar existe, que faço parte de lá e que é para lá que a minha avó vai partir.

Este não é um livro comum, fala de morte mas dá prevalência à vida, pois a morte, muitas vezes, afasta as pessoas de si

mesmas, dos outros e de qualquer vislumbre de magia. Para mim foi uma oportunidade de mergulhar uma vez mais em mim, de repensar a minha vida, a vida em si e o meu caminho. Em todas as intervenções sociais e conferências que facilito, sou confrontado com a enorme curiosidade das pessoas em quererem saber como cheguei aqui, como me tornei a pessoa em que me tornei e como atingi as convicções que me regem e a confiança que me flui. Não foi magia, requer trabalho. Compromisso. Paixão e muita disciplina. Muita vontade de ser mais que aquilo que me foi ensinado e um enorme desejo de ser melhor todos os dias. Há pessoas, como costume dizer, que nasceram viradas para a lua, tudo de bom lhes acontece sem esforço, comigo nunca foi assim... e ainda bem. Eu sou mais eu na pele de guerreiro que na pele de cordeiro.

Inspirado, muito inspirado e sem dúvida absolutamente nenhuma, pela mulher maravilhosa que ainda tenho ao meu lado.

Ao longo destas páginas onde o amor, o perdão e a aceitação vingaram sobre todas as más escolhas, injustiças e incompreensões, ainda que para vencerem fossem precisos muitos anos, décadas mesmo, de inconsciência e caminhos tortuosos, terás a oportunidade de sentir a forma majestosa como tudo se deu, em tempo útil, no interior do seu ser e a importância que cada passo aprendido teve, posteriormente, no meu caminho. Não te falo, portanto e especificamente, desta mulher enquanto matriarca da minha família, nem tampouco enquanto mulher filha, mulher mãe, mulher avó ou simplesmente mulher, mas apenas e só como a alma que a habitou e me inspirou pelo facto de ter cumprido a sua missão a todos os níveis, tornando-a o ser mais forte e resplandecente que já conheci e com quem mais aprendi.

Na verdade, esta para mim era uma oportunidade única. Exigia-me a totalidade. Estar com ela, olhar para ela ou dar-lhe apenas a mão era uma autêntica visita guiada à gaveta das minhas mais misteriosas memórias. Respirá-la por entre tão profundos silêncios era como mergulhar nos nossos mais íntimos

segredos e o mínimo sinal seu era o suficiente para me despertar uma verdadeira colônia de mariposas na barriga. Tão bom.

Escolhi, portanto, revistar tudo o que em mim havia depositado, tudo o que vira e sentira ao longo dos últimos anos com ela e sobretudo dos últimos meses, todos os cheiros e todos os sons que havia percebido e se haviam destacado, tudo, mas mesmo assim, e mesmo tratando-se de muita emoção junta, havia uma espécie de halo por preencher. Era como se tudo aquilo não justificasse nada de especial. Nem o seu fim nem o princípio de nada. Sim, para quê aquele turbilhão todo? Para quê aquela abundância de sensações? Faltava-me, claramente, a razão para tanta emoção, a justificação para estar a viver toda aquela experiência com a minha avó de uma maneira tão intensa e foi então que senti uma força maior à minha volta, aquilo pelo qual ansiava sem fazer a mínima ideia do que era, uma força muito mais poderosa que o nosso recente passado e que a soma de todos os sentidos, uma força nítida e tão assertiva que fora capaz de me arrastar do tempo e trazer ao momento onde verdadeiramente me encontrava, ao «Agora». Era uma voz. Vinha de dentro. Era a minha intuição. E tudo o que me disse e tudo o que ouvi foi:

– Tens de escrever. Tens de escrever.

Espantei-me. Tinha decidido que faria uma pausa enquanto escritor durante o próximo ano, pois os meus três anteriores livros haviam sido escritos em menos de setecentos dias. Legitimamente, sentia um enorme desgaste a esse respeito e uma tremenda necessidade de me reinventar e para cumprir com esses dois parâmetros precisava de angariar tempo para descansar e experimentar coisas novas. Escrever faria sempre parte da minha vida, mas tinha sentido que chegara o momento de parar por um ano e estava muito bem resolvido com isso.

Enganei-me.

De repente, tinha o maior desafio nas mãos, a história mais bonita a querer galgar-me do coração para a ponta dos dedos.

Acedi. Como poderia não aceitar um pedido da alma? Eu, que me considero um homem de sonhos e em permanente missão, jamais poderia negar ou adiar uma solicitação desta natureza. Agradei, inclusive. E depois, depois foi deixar a magia acontecer. Ao mesmo tempo que me desfazia em lágrimas por ter abraçado o instinto, montavam-se cenas na minha cabeça; ao mesmo tempo que me doía, agradecia; e ao mesmo tempo que a noite caía, mais eu me encaminhava para a luz. Articularam-se palavras, encaixaram-se frases, montaram-se ideias.

O frenesim na minha alma era tão grande que a mente não teve outra solução senão alienar-se da realidade visível que controlava, e deixar-se transportar para uma outra dimensão, mais próspera, mais criativa, mais bonita e muito mais pura. É lindo quando mergulhas a cabeça na tua essência, quando ouves o que tens para te dizer e é inesquecível quando o comesças a materializar. Foi assim que nasceu este livro. Foi em profunda reverência pela minha alma, pela minha avó e pela mensagem que havia a passar, fosse ela qual fosse, que dei início a esta viagem. Tinha escrito na alma o meu próximo livro, na cabeça as suas primeiras páginas e no corpo uma festa de sorrisos e lágrimas.

Ao longo destas páginas vais conhecer-me como nunca imaginaste. A minha exposição é maior, a minha vulnerabilidade também, e comigo navega também uma boa parte da minha família, sempre com o intuito de percebermos como as pessoas são todas diferentes por diferentes motivos e como cada uma tem, afinal e independentemente do que não sabe ou consegue resolver, uma verdade dentro de si que deve ser aceite e respeitada.

Enquanto me sento ao lado da cama da minha avó e mesmo depois de já não haver cama nem avó que se veja, e sim, estou a antecipar-te o final deste enlace porque não adianta criar expectativas algumas nem adornar a crua realidade, ela vai mesmo morrer e eu ficarei para contar esta história, prometo

partilhar contigo os passos que fui dando e as lições que fui reforçando e edificando para chegar onde estou hoje. À paz. Comigo e com os outros. E tão simplesmente porque descobri e escolhi fazer o meu caminho.

Espero que este livro te inspire a descobrir e a fazer o teu. Tem pedras, pedregulhos, muros altos e correntes de lágrimas, mas também tem sabor, tem alegria, muita paixão e muito amor.

O equilíbrio é o maior prémio de todos.

Se eu consegui alcançá-lo, tu também consegues.

Se eu consegui fazer o meu caminho, tu também vais conseguir fazer o teu.

E que o amor te guie...